

*DE ORIGINE ACTIBUSQUE GETARUM /*  
*SOBRE A ORIGEM E FEITOS DOS GODOS:*  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS FILOLÓGICO-  
TRADUTÓRIOS DA INTRODUÇÃO GEOGRÁFICA



JORDANES

GUSTAVO H. S. S. SARTIN<sup>1</sup>

**Contexto histórico**

Publicada pelo godo Jordanes em *Constantinopolis* em 551 ou 552, *De origine actibusque Getarum* (Sobre as Origens e Feitos dos Godos), também chamada de *Getica*, foi baseada em uma obra hoje perdida, escrita cerca de vinte anos antes por Cassiodoro Senador, um romano do sul da *Italia* que ocupava o cargo de *magister officiorum* (uma espécie de primeiro-ministro) do reino ostrogótico.<sup>2</sup> Devido ao desaparecimento do texto de Cassiodoro, a mais antiga história de um povo “bárbaro” pós-romano hoje disponível é a de Jordanes.

A despeito de ser frequentemente publicada de forma isolada em tempos modernos, *De origine actibusque Getarum* é a terceira parte de uma obra maior. A primeira consiste em uma cronologia universal nos moldes cristãos, que termina com a ascensão de Augusto e o início do que seria o quinto e último império mundial. A segunda é uma história romana que vai do nascimento de Rômulo até o vigésimo quarto ano do reinado de Justiniano I, em 551. As duas primeiras partes formam *De Summa Temporum uel Origine Actibusque Gentis Romanorum* (O Ápice dos Tempos ou as Origens e Feitos dos Romanos) ou, simplesmente, *Romana*. A *Getica*, por sua vez, narra a trajetória dos godos desde tempos mitológicos na *Scandza* (região correspondente à Escandinávia atual, mas imaginada como sendo uma ilha) até 540, quando o rei ostrogodo Vitiges rendeu-se a Belisário em *Ravenna*. A primeira parte trata das origens e migrações dos godos, a segunda conta a história dos visigodos e a terceira dos ostrogodos.

---

<sup>1</sup> Gustavo H. S. S. Sartin é mestre em História (área de concentração História e Espaços) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2011), e bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007).

<sup>2</sup> A respeito das controvérsias historiográficas sobre *De Origine Actibusque Getarum*, vide GOF-FART (1988, pp. 20-31).

## Edição

Utilizamos como texto-fonte a edição considerada canônica, publicada em 1882 por Theodor Mommsen como parte da coleção *Monumenta Germaniae Historica*, contendo a *Romana* e a *Getica*. Seleccionamos, desta, a introdução geográfica. Nela, Jordanes descreve o mundo conhecido e o local de origem dos godos. Embora Mommsen, em suas notas, registre as formas divergentes encontradas nos diversos manuscritos que lhe serviram de fonte, seguimos sempre suas escolhas.

Durante a Idade Média, os europeus acabaram por abandonar ou esquecer muito do que gregos e romanos sabiam (ou pensavam saber) acerca da Terra e de suas regiões, mas, até o século VI, esses conhecimentos ainda estavam acessíveis aos estudiosos, ao menos na principal cidade europeia, *Constantinopolis*. A introdução geográfica feita por Jordanes para *De origine actibusque Getarum* situa-se, assim, próxima da beirada desse abismo de esquecimento; o que a torna especialmente interessante para os estudiosos da Antiguidade Tardia e da Idade Média.

Nossa versão em português foi elaborada exclusivamente a partir do texto latino, mas foram examinadas, especialmente nos trechos de maior dificuldade, versões em três outras línguas modernas: inglês, de Charles C. Mierow (1915); espanhol, de José María Sánchez Martín (2001); e francês, de Jean-Baptiste Drouët de Maupertuis (1703).

Jordanes deve ter empregado, ao escrever *De origine actibusque Getarum*, a escrita uncial italiana, sem espaçamento entre as palavras. A pontuação utilizada, na melhor das hipóteses, deve ter sido semelhante àquela do *Codex Fuldensis* (um dos mais importantes manuscritos da *Vulgata*, escrito durante a década de 540, provavelmente na *Italia*). Nele, um ponto centralizado fazia às vezes tanto de vírgula como de ponto final, sendo omitido, porém, no fim dos parágrafos. Dois pontos dispostos horizontalmente no fim de uma citação tinham a função das nossas aspas.

Os sinais de pontuação, ou *positurae*, eram geralmente tidos pelos romanos como meras ferramentas pedagógicas. Embora a tradição cristã latina os tivesse incorporado à própria *Vulgata* e, progressivamente, aos textos de exegese bíblica, eles tendiam a ser deliberadamente omitidos nos livros romanos formais durante a Antiguidade Tardia.<sup>3</sup> Dada a ausência de pontuação, cada parágrafo devia corresponder a um período, fosse ele simples ou composto.

Os escritos latinos tardios que chegaram até nós e contêm os sinais de pontuação que conhecemos são, portanto, adaptações medievais ou renascentistas dos originais. Isso até certo ponto, cremos, deve servir para liberar o tradutor para que adapte a pontuação como melhor lhe convir, de acordo com as convenções da língua-alvo e com sua própria sensibilidade.

<sup>3</sup> SAENGER (1997, p. 72): “At the end of Antiquity, the only ‘punctuation’ present in formal Roman books was spaces setting off paragraphs. Only after Rome’s fall did Christian writers like Cassiodorus seem to envision the scribe making use of *positurae* in confected books to aid the reader (particularly the liturgical reader) with difficult passages”. Sobre evolução dos sinais de pontuação durante a Antiguidade Tardia, vide “Antiquity: Aids for Inexperience Readers and the Prehistory of Punctuation” in PARKES (1993, pp. 9-19).

## Linguagem

O texto de Jordanes foi elaborado no que se convencionou chamar de “latim tardio”, expressão escrita de uma língua que, mesmo restrita por uma tradição literária que até certo ponto ainda se buscava preservar, mantinha-se viva. Distingue-se, nesse sentido, do chamado “latim medieval”, perceptível claramente nos documentos produzidos a partir de meados do século VIII, que precisava ser aprendido como uma segunda língua mesmo pelos habitantes das áreas ditas “latinas”.

Incorporando progressivamente elementos do chamado “latim vulgar”, termo que a um só tempo se refere à linguagem coloquial e à fala das camadas populares, o latim tardio conservou a maioria dos aspectos sintáticos e morfológicos de seu antecessor “clássico” até por volta do ano 600, ponto a partir do qual exemplos de simplificações do antigo sistema de casos são cada vez mais frequentes no registro escrito, em um processo que, combinado com transformações no sistema fonético, resultou no surgimento das línguas românicas.<sup>4</sup>

Embora o período clássico da produção literária latina tenha se estendido do segundo quartel do século I a. e. c. até meados do século II e. c.<sup>5</sup> (digamos, de Cícero a Apuleio), a distinção entre um (alegado) modo de falar das elites instruídas e a fala da maioria “inculta” já estava estabelecida no início desse período.<sup>6</sup> É bastante presumível, inclusive, que mesmo no início do período clássico as pronúncias prestigiosas já estivessem restritas a uma elite urbana e instruída que, conscientemente, as empregava como ferramenta de distinção social.

O estabelecimento paulatino da correta grafia das palavras deu-se através da tradição literária e em conformidade com tais pronúncias prestigiosas ao longo de todo o século final da República. A partir de então, com a natural e inevitável evolução dos modos de falar, o abismo entre o que efetivamente era dito pela maioria e o que se escrevia não parou de aumentar.

Ainda assim, ao menos teoricamente, o latim clássico possuía uma expressão oral. Sua fonologia se distinguiria daquela do vulgar especialmente no que diz respeito às vogais. Podendo ter duração breve ou longa, elas seriam de cinco qualidades: anterior aberta não-arredondada, representada pela letra *a*; anterior semifechada não-arredondada, letra *e*; anterior fechada não-arredondada, letra *i*; posterior semifechada arredondada, letra *o*; e posterior fechada arredondada, *u*.<sup>7</sup>

Na língua vulgar, por outro lado, parece ter havido desde cedo uma tendência a diferenciar as vogais breves das longas por uma característica adicional, o timbre. Em outras palavras, as vogais breves seriam normalmente pronunciadas mais abertas. À medida que essas diferenças de timbre entre as vogais

<sup>4</sup> Para uma discussão detalhada, vide LÖFSTEDT (1959, pp. 1-38).

<sup>5</sup> As abreviaturas “a. e. c.” e “e. c.” correspondem a “antes da era comum” e “era comum”, respectivamente.

<sup>6</sup> É notório, por exemplo, o caso do político *Publius Claudius Pulcher* que, no início dos anos 60 a. e. c., alterou seu *nomen* para *Clodius*, em conformidade com a pronúncia popular, em uma tentativa de angariar simpatia.

<sup>7</sup> Os romanos empregavam sinais diacríticos para indicar a duração da sílaba (e, por consequência, de sua vogal) exclusivamente nos poemas, como uma ferramenta para facilitar a pronúncia do declamador. Isso significa que, em todas as outras circunstâncias, cada uma das cinco letras às quais nos referimos serviria para representar, por si só, duas vogais, uma breve e uma longa.

breves e longas se tornaram mais marcantes, as distinções quanto à duração parecem ter se tornado menos importantes, o que acabou resultando em uma completa reestruturação do sistema fonético do latim vulgar. Muitas das grafias inusitadas que encontramos nos textos produzidos durante a Antiguidade Tardia são precisamente os resultados de tal reestruturação, como bem relatou Robert L. Politzer em 1961:

Estudos recentes demonstraram que os erros cometidos pelos escritores e escribas do latim tardio seguem padrões consistentes que revelam os desenvolvimentos e até as tendências dialetais subjacentes de sua fala.<sup>8</sup>

Se, em nosso caso particular, levarmos em consideração, adicionalmente, que o autor não era etnicamente romano, que escreveu em latim enquanto vivia em uma área predominantemente grega e que não teve qualquer formação em Retórica durante a juventude,<sup>9</sup> perceberemos que foi inevitável, além de absolutamente natural, que ele tenha sido incapaz de escrever em uma linguagem idêntica à dos autores clássicos.

No excerto da obra de Jordanes que traduzimos, o aspecto “tardio” da linguagem se revela especialmente no âmbito lexical, ainda que sua sintaxe nem sempre corresponda à clássica. Como é praxe que os estudantes modernos da língua latina tenham contato sobretudo com sua versão clássica (exceto por uma ou outra lição a respeito de “vulgarismos”), as peculiaridades do latim tardio tendem a dificultar a compreensão do conteúdo textual e, por consequência, o processo de tradução. Por outro lado, são justamente esses desvios da norma clássica que tornam textos como *De origine actibusque Getarum* importantes no que concerne à Linguística Histórica, uma vez que aludem a transformações que viriam a servir de base para o desenvolvimento, nos séculos seguintes, das línguas românicas.

### Vocabulário

Iniciemos, então, a análise do texto propriamente dito com a apresentação de algumas de suas peculiaridades morfológico-semânticas. Jordanes adicionou a algumas palavras clássicas prefixos que, anteriormente, seriam dispensáveis. Essa tendência à prefixação aparentemente desnecessária e, por vezes, pleonástica era relativamente comum no latim tardio e talvez resultasse de uma tentativa de aclarar, ou mesmo reforçar, palavras cujo sentido estava se erodindo. São exemplos disso:

- *intermixtas* (I.4) por *mixtas* (do verbo *misceo*);
- *perustam* (I.6) por *ustam* (do verbo *uro*);
- *dilucidas* (I.7) por *lucidas* (do adjetivo *lucida*);
- *consimilem* (II.11) por *similem* (do adjetivo *similis*).

<sup>8</sup> POLITZER (1961, p. 209): “Recent studies have shown that the mistakes made by the Late Latin writers and scribes follow consistent patterns which reveal the developments and even the underlying dialectal trends of their speech”.

<sup>9</sup> Jordanes, *De Origine Actibusque Getarum*, L.266: “ego item quamvis agramatus Iordannis ante conversionem meam notarius fui” (Eu, Jordanes, igualmente, apesar de pouco estudado (*agramatus*) antes de minha conversão, fui notário).

Em tal lista, ademais, talvez pudéssemos incluir:

- *abbreviatione* (Iordanis Castalio.1) por *breviatione* (do substantivo *breviatio*);
- *inpellentibus* (II.12) por *pellentibus* (do verbo *pellō*).

O caso de *perquaquam* (I.6) parece decorrer dessa mesma lógica de esclarecimento ou intensificação do sentido, mas é, em verdade, um pouco mais complicado. Trata-se provavelmente de uma variante do advérbio *perquam*, sendo que a duplicação da sílaba final (que resultou na síncope do primeiro *m*) talvez cumprisse algum tipo de função intensificadora.

Além desses processos morfológico-semânticos, o vocabulário de Jordanes revela outros de natureza fonológica. Chaves para identificar o equivalente clássico de muitas das palavras não-dicionarizadas dos textos em latim tardio podem ser encontradas no *Appendix Probi* (reproduzido no anexo), um documento apócrifo escrito durante a Antiguidade Tardia, conhecido a partir de um único exemplar encontrado em um palimpsesto do início do século VIII.<sup>10</sup> Ele consiste em uma lista, com pouco mais de duzentas entradas (algumas repetidas), do tipo “utilize A não B”, sendo A o termo tido por seu autor como clássico e B, sua variante vulgar ou tardia. As diferenças entre A e B são, na maioria dos casos, decorrentes de transformações no sistema fonético latino. Enquanto A consiste em uma forma escrita que, devido à evolução do modo de falar, havia se tornado incompatível com o que era efetivamente pronunciado na Antiguidade Tardia, B nos aproxima da língua viva. O mapeamento dessas transformações fonéticas facilita a identificação dos equivalentes clássicos (e dicionarizados) das formas vulgares encontradas nos textos latinos tardios.

Além dos seis vocábulos que discutimos acima, encontramos mais vinte e nove palavras não-clássicas no excerto selecionado: *choartem* (Iordanis Castalio.2), *grecis* (Iordanis Castalio.3; II.10), *Eoropam* (I.4), *trepertito* (I.4), *pene* (I.4), *artoa* (I.9), *advinit* (I.9), *Brittania* (II.10; *Brittaniae*, II.20), *Libius* (II.10), *inaccensam* (II.10), *Spanias* (II.10; *Spanis*, II.14), *hostia* (II.11), *obleque* (II.11), *exalare* (II.12), *fediorem* (II.12), *cumae* (II.13), *prestant* (II.21), *queritiant* (II.21), *cetri* (III.16), *Scandza* (III.16, III.19, III.23; *Scandzae*, III.16, III.17, III.23; *Scandzam*, I.9), *velud* (III.21), *nigridine* (III.21), *prumtissimum* (III.22), *odie* (IV.25), *aplicavere* (IV.26), *quereret* (IV.27) e *inreparabiliter* (IV.27).

Utilizando o *Appendix Probi* como chave de leitura, percebemos que Jordanes empregou *advinit* (I.9) em lugar de *venit* (do verbo *venio*). Ocorreu, nesse caso, não apenas o acréscimo de um prefixo aparentemente desnecessário (uma vez que o verbo *venio* já contém a ideia de deslocamento para próximo de si, que *ad-* supostamente daria), como também a substituição de um *e* longo por um *i* breve. O mesmo se deu no caso de *nigridine* (III.21), empregado por *nigredine* (do substantivo *nigredo*). Duas entradas do *Appendix Probi* evidenciam esse processo: “*uinea non uinia*” (55) e “*cauea non cauia*” (63). Nos casos de *obleque* (II.11) por *oblique* (do adjetivo *obliquus*) e de *trepertito* (I.4) por *tripertito* (do adjetivo *tripartitus*), ocorre basicamente o contrário. O suposto *i* longo de *oblique* deve ter sido pronunciado como *i* breve por algum tempo até

<sup>10</sup> A datação do *Appendix Probi* é motivo de controvérsia. O original pode ter sido produzido tanto no século III como no IV ou mesmo no VII.



finalmente ser tomado por *e* longo, como em *obleque*. O mesmo deve ter se dado com o *i* breve do início de *tripertito*. Uma das entradas do *Appendix Probi* evidencia o emprego do *e* longo por *i* breve: “*lanius non laneo*” (34). “Erros” desse tipo dão testemunho da equivalência fonética ocasional entre *e* longo e *i* breve na fala coloquial.

No caso do uso de *fediorem* (II.12) por *foediorem* (do adjetivo *foedus*), a alteração na grafia sugere que o ditongo decrescente *oe* passara a ser pronunciado como *e* longo. Segundo estudiosos modernos, trata-se de um processo usual no latim tardio, cujos resultados são perceptíveis no português.<sup>11</sup> Similarmente, *pene* (I.4, I.7, II.12 e IV.26) é empregado pelo advérbio *paene, grecis* ((Iordanis Castalio.3; II.10) por *graecis* (do adjetivo *graecus*), *queritant* (II.21) por *quaeritant* (do verbo *quaerito*), *quereret* (IV.27) por *quaereret* (do verbo *quaero*), *prestant* (II.21) por *praestant* (do verbo *praesto*), revelando que o ditongo decrescente *ae* era pronunciado como um *e* curto. As entradas 60 e 184 do *Appendix Probi*, idênticas, dão exemplo da pronúncia de *ae* como um *e* curto: “*caelebs non celeps*”.

A alternância entre as formas *Eoropa* (*Europam*, I.4) por *Europa* (*Europae*, I.7) sugere dificuldade em articular de forma sucessiva uma vogal anterior semifechada não-arredondada (*e*) e uma posterior fechada arredondada (*u*). A primeira provavelmente tendia a abrir a segunda, de modo que o ditongo por vezes devia ser sentido como *eo*. O *Appendix Probi*, curiosamente, traz um exemplo com a sequência inversa: “*puella non poella*” (131).

O uso de *Spanias* (II.10) e *Spanis* (II.14) por *Hispanias* e *Hispanis* (do nome próprio *Hispania*), *exalare* (II.12) por *exhalare* (do verbo *exhalo*), *odie* (IV.25) pelo advérbio *hodie*, *hostia* (II.11) por *ostia* (do substantivo *ostium*) e *choartem* (Iordanis Castalio.2) por *coartem* (do verbo *coarto*) revelam a perda do valor fonético do *h*, que anteriormente deveria representar a consoante fricativa velar desvozeada (*x*).<sup>12</sup> Isso podia conduzir tanto à sua omissão (os quatro primeiros casos) como à sua presença equivocada, resultante de hipercorreção (os dois últimos).

O *Appendix Probi* apresenta exemplos similares de elisão ou omissão do *h*: “*cithara non citera*” (23) e “*cochlea non coclia*” (66). Ironicamente, o documento recomenda também “[*h*]ostiae non ostiae” (207), apontando aí uma omissão do *h*. Ocorria, nesse caso, devido à perda do valor fonético do *h*, confusão entre o plural dos casos nominativo e acusativo de *ostium* (boca de rio, entrada), substantivo de segunda declinação, e o singular dos casos nominativo, vocativo e ablativo de *hostia* (oferenda, vítima), substantivo de primeira declinação.

O emprego de *inaccensam* (II.10) por *inaccessam* (do adjetivo *inaccessus*) indica que o *e* assimilara o traço nasal produzido pelo *m* na sílaba seguinte. O *Appendix Probi* traz duas ocorrências desse tipo: “*cultellum non cuntellum*” (16) e “*effeminatus non infimenatus*” (126). O emprego de *inreparabiliter*

<sup>11</sup> De acordo com WILLIAMS (2001, p. 54), “*foetorem* > fedor”; ILARI (2002, p. 76) “*poena* > pena”.

<sup>12</sup> Segundo CLARKSON e HORROCKS (2008, p. 275), a perda da aspirada na fala vulgar foi geral e podia ser encontrada nas inscrições de *Pompeii*, ainda no século I da era comum. O *h* teria continuado presente na escrita e a aspirada teria continuado a existir no discurso formal pelos séculos seguintes até que, a partir do início do século VI, tornaram-se cada vez mais comuns no registro escrito grafias como *mici* ou *michi* por *mihi*, que demonstram que os escritores tentavam pronunciar um som estranho à fonologia de sua língua.

(IV.27) pelo advérbio *irreparabiliter*, por seu turno, talvez indique simplesmente que a partícula negativa *in-*, diferentemente do que acontecia no latim clássico, na fala quotidiana nem sempre se convertia em *ir-* antes de palavras que iniciassem com *r*.

Na ocorrência de *prumtissimum* (III.22) por *promptissimum* (do adjetivo *promptus*), a omissão do *p* é indicativa de como o grupo consonantal *pt*, quando em posição medial, deve ter passado a ser pronunciado *tt* (na prática, um *t* mais demorado). Nesse caso, todavia, ele foi simplificado ainda mais, talvez pela proximidade do *m*, transformando-se em um *t* simples. Semelhante é o caso do emprego de *artoa* (I.9) por *arctoa*, que sugere que o grupo consonantal *ct* em posição medial deve também ter passado a ser pronunciado *tt* e, posteriormente, simplificado para um *t* simples. Em outras duas ocasiões, porém, Jordanes emprega corretamente *arctoi* (III.16) e *arctoa* (III.19).

Conforme o testemunho do gramático galo-romano Consêncio, mesmo um século antes de Jordanes escrever *De Origine Actusque Getarum* já ocorria confusão na pronúncia das consoantes duplas, de modo que palavras como *uilla*, *mille*, *ille*, *iussit* e *corrupto* muitas vezes eram pronunciadas *uila*, *mile*, *ile*, *iusit* e *corupto*; enquanto outras como *totum* e *quotidie* eram pronunciadas *tottum* e *quottidie*.<sup>13</sup> Processos desse tipo são bem conhecidos pelos estudiosos modernos.<sup>14</sup> No caso do *Appendix Probi*, encontramos evidência do grupo consonantal *ct* em posição média transformado em *t* simples: “*auctor non autor*” (154) e “*auctoritas non autoritas*” (155).

O emprego de *u* por *o* na primeira sílaba de *prumtissimum* denota, por sua vez, equivalência fonética entre *u* breve e *o* longo, fenômeno relativamente comum no latim vulgar, revelado, no *Appendix Probi*, pela entrada “*sobrius non suber*” (31).

O uso de *applicavere* (IV.26) por *applicavere* (do verbo *applico*) é indicativo da tendência geral de simplificação das consoantes intervocálicas geminadas no latim tardio (antes pronunciadas como uma única consoante alongada). No caso das formas *Brittania* (II.10) e *Brittaniae* (II.20), empregadas por *Brittannia* e *Britanniae* o autor provavelmente sabia que a palavra deveria ser escrita com uma consoante dupla, simplificada na pronúncia corrente. Ele supôs, então, que o *t* deveria ser duplicado, quando, na verdade, deveria ser o *n*. O fenômeno de simplificação das consoantes intervocálicas geminadas aparece na entrada 94 do *Appendix Probi*: “*suppellex non superlex*”.

Os empregos de *velud* (III.21) pelo advérbio *velut* e de *cetri* (III.16) por *cedri* (do substantivo *cedrus*) denotam equivalência ocasional entre *d* e *t*. A fala coloquial provavelmente sonorizava a consoante surda *t*, quando intervocálica, transformando-a em um *d*. O emprego de *cetri* por *cedri* sugere que o processo

<sup>13</sup> Consentius, *Ars de Barbarismis e Metaplasms* (apud KEIL, 1823, pp. 386-398): “*per detractionem fiunt barbarismi sic: litterae ut siquis dicat vilam pro villam, mile pro mille*” (X, p. 392); “*ubi enim dicunt 'ille mihi dixit', sic sonant duae ll primae syllabae, quasi per unum l sermo ipse consistat*” (XII, p. 394); “*item s litteram graeci exiliter eferunt adeo, ut, cum dicunt iussit, per unum s dicere existimes*” (XIII; p. 395); “*poetae faciunt metaplasmos, cum ipsi iam scripturam rilinguunt corruptam, ut est 'relliquias Danaum' et 'tanton me crimine dignum duxisti': addidit enim unam litteram per metaplasum l; idem contra dempsit unam litteram per metaplasum e, sicut Lucilius 'ore corrupto': dempsit enim unam litteram per metaplasum r*” (XVI, p. 400); “*per adiectionem litterae sic fit, ut siquis dicat eoperit pro operit, gruit pro ruit, tottum pro toto, cotidie pro cotidie, quandius pro quandiu*” (VII, p. 391-392).

<sup>14</sup> Vide WILLAMS (2001, p. 84) e ILARI (2002, pp. 84-85).

inverso também devia ocorrer, com o ensurdecimento do *d*. A situação do *t* em posição final parece ter sido um tanto precária no latim vulgar. Ele frequentemente devia desaparecer por completo<sup>15</sup> mas, no caso de *velud* por *velut*, ocorreu apenas sua lenição ou enfraquecimento.

O emprego de *Libius* (II.10) por *Liuius* dá testemunho de uma importante transformação fonética. No latim clássico, teoricamente, a letra *u* era empregada tanto para representar a vogal posterior fechada arredondada em suas versões breve e longa (/u/ e /u:/), como também a consoante labiovelar aproximante (w).<sup>16</sup> No nome próprio *Liuius* teríamos, portanto, um primeiro *u* consonantal e um segundo vocálico e breve. Desde muito cedo esse *u* consonantal provavelmente evoluiu para uma labiodental aproximante (v) e, ao longo do período clássico, para uma fricativa labiodental sonora (v). No latim tardio, ademais, ele pode ter passado à fricativa bilabial sonora (β), ao menos quando antecedia a versão breve da vogal anterior fechada não-arredondada (i). A entrada 44 do *Appendix Probi* descreve essa última situação: “*brauium non brabium*”.

Ao escrever *cumae* (II.13) em vez de *cymae* (do substantivo *cyma*), Jordanes deu testemunho da inconsistência no emprego do *y* no latim tardio. A letra fora introduzida no alfabeto latino no início do período imperial para melhor representar a vogal anterior fechada e arredondada das palavras gregas (y).<sup>17</sup> O latim não possuía esse som, mas não deve ter demorado para que o *y* fosse empregado para representar também o que os romanos apelidaram de “*sonus medius*” (termo utilizado para qualquer uma das duas vogais fechadas centrais; i e u) encontrado, por exemplo, na pronúncia coloquial de palavras como *lacrima*. Com a reestruturação do sistema fonético latino na passagem para a Antiguidade Tardia e a incorporação cada vez maior de elementos da fala coloquial à escrita, ocorreu, então, uma confusão no emprego das letras *y*, *i* e *u*, que representavam as vogais fechadas. O *Appendix Probi* traz alguns exemplos dessa situação: “*crista non crysta*” (24), “*uirgo non uyrgo*” (121), “*gyrus non girus*” (28), “*Byzacenus non Bizacinus*” (48), “*myrta non murta*” (195) e “*tymum non tumum*” (191).

Encerremos esta seção sobre a relação entre a escrita e a fonologia com um breve comentário sobre o nome próprio *Scandza*. No trecho selecionado, ele aparece oito vezes; três delas sem qualquer flexão (III.16, III.19 e III.23) e cinco flexionado (I.9, III.16, III.17 e duas vezes em III.23). Na última dessas aparições, porém, o termo aparece grafado *Scandiae*, flexão da forma clássica, *Scandia*, utilizada por Plínio o velho em *Historia Naturalis* (IV.30).<sup>18</sup> Daí se deduz a ocorrência, no latim tardio, da palatização do *d* quando seguido de *i*. Além disso, o emprego majoritário de *dz* nessa situação sugere que a letra *z* não mais correspondia a uma consoante alveolar africada sonora (dʒ), como supostamente teria sido sua pronúncia clássica, mas simplesmente a uma alveolar fricativa sonora (z).

<sup>15</sup> Conforme ILARI (2002, p. 82) e WILLIAMS (2001, p. 102).

<sup>16</sup> Os romanos empregavam a letra *V* como a maiúscula da letra *u*. Os dois símbolos se tornaram letras separadas somente no fim do período medieval. A versão de Mommsen do texto de Jordanes foi, portanto, modernizada, visto que apresenta o que nos manuscritos deveria ser *u* consonantal como *v*.

<sup>17</sup> Conforme CLARKSON e HORROCKS (2008, p. 190).

<sup>18</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historiae libri XXVI*, IV.30 (apud JANUS, 1870, p. 178): “*Sunt qui et alias prodant, Scandias, Dumnam, Bergos maximamque omnium Berricen, ex qua in Thylen navigetur*”.



A partir do reconhecimento de que as formas não-clássicas e não-dicionarizadas da escrita dos autores latinos da Antiguidade Tardia resultaram sobretudo de fenômenos de evolução fonética, o leitor/tradutor pode mapear essas mudanças, colocando-se em melhor posição para lidar com palavras aparentemente desconhecidas.

### Sintaxe

Dediquemo-nos, agora, a algumas das peculiaridades sintáticas do texto de Jordanes, ainda que não de forma exaustiva. A primeira delas pode ser encontrada ainda no período de abertura. Vejamos:

*Volentem me parvo subvectum navigio oram tranquilli litoris stringere et minutos de priscorum, ut quidam ait, stagnis pisciculos legere.*

Destaca-se, em especial, o emprego da preposição *de*. No latim clássico ela antecedia exclusivamente palavras no caso ablativo. Nessa passagem, porém, temos *de priscorum*, no qual a preposição acompanha uma palavra no genitivo. Esta, aliás, merece ser comentada por si mesma. Trata-se do plural do adjetivo *priscus*, que aparece substantivado. Os outros dez empregos da preposição *de* encontrados no texto, não obstante, respeitam as normas clássicas.

No caso da preposição *ad*, que normalmente acompanharia palavras no caso acusativo, ocorreu também algum desvio da norma clássica por parte do autor, como em III.24:

*quibus non ante multos annos Ruduulf rex fuit, qui contempto proprio regno ad Theodorici Gothorum regis gremio convolvavit et, ut desiderabat, invenit.*

Trata-se de *ad*, que normalmente regeria o caso acusativo. Na passagem em questão, porém, a preposição antecede *Theodorici*, um nome próprio no genitivo. Segundo o *Oxford Latin Dictionary* (1968, p. 441), o verbo *convolo*, que normalmente é intransitivo e significa “reunir rapidamente”, pode mudar de sentido para “recorrer a”, tornando-se transitivo direto e requerendo o uso da preposição *ad*, que acompanharia o objeto da ação. Deveríamos encontrar, portanto, *ad* acompanhando *gremium*, que estaria no acusativo (e não no dativo, como no original). Se tentássemos refazer esse trecho da oração para adequá-lo às normas clássicas, teríamos:

*quibus non ante multos annos Ruduulf rex fuit, qui contempto proprio regno Theodorici Gothorum regis ad gremium convolvavit et, ut desiderabat, invenit.*

A preposição *ad* é empregada onze vezes ao todo no excerto que traduzimos, sendo duas em desacordo com a norma clássica. Além de na supracitada oração (III.24), Jordanes também a emprega de forma peculiar em III.16:

*Ad Scandziae insulae situm, quod superius reliquimus, redeamus, de hac etenim in secundo sui operis libro Claudius Ptolomeus, orbis terrae discriptor egregius, meminit dicens.*

Trata-se de um período similar ao discutido anteriormente. Nas duas passagens encontramos um verbo cuja ação remete a um complemento que deveria estar no caso acusativo. Este, além de acompanhado pela preposição *ad*, deveria ser especificado por um genitivo, um adjunto adnominal. Em III.16, Jordanes sequer chega a colocar o complemento do verbo no acusativo – *gremio* está no dativo. Não fosse o verbo *convolo* exigir um acusativo acompanhado da preposição *ad*, a escolha de colocar *gremium* no dativo não somente estaria correta de acordo com as normas clássicas (desde que a preposição fosse omitida, é claro), como também faria perfeito sentido. A forma de redação escolhida pelo autor, porém, parece indicar indecisão entre as duas possibilidades. Com “*Ad Scandziae insulae situm [...] redeamus*”, Jordanes se aproxima mais das normas clássicas, já que o complemento do verbo – *situm* – desta vez está no acusativo. Esse continua, porém, separado da preposição que deveria regê-lo, *ad*.

De fato, o texto traz frequentes anomalias sintáticas em relação aos padrões clássicos. Em um trabalho em que cita Virgílio (I.8), Tito Lívio (II.10) e Tácito (II.13), Jordanes certamente pretendia, na medida do possível, inserir-se na tradição da qual esses autores eram expoentes. Sua formação clássica incompleta o impediu, porém, de fazê-lo; de modo que seu discurso, vez ou outra, acabava manifestando “peculiaridades” reveladoras de sua origem e formação. O texto acaba por expor, então, momentos dessa luta do autor para omitir os elementos que dão testemunho de que a língua que ele empregava regularmente não era a daqueles autores clássicos. Trata-se de uma luta na qual a vitória completa era impossível. Em situações desse tipo, ainda que na maioria das vezes um autor latino tardio seja capaz de empregar as formas clássicas, vez ou outra acabará por empregar formas tardias, vulgares ou bárbaras. Vejamos outro exemplo em III.20:

*et quod nobis videtur sol ab imo surgere, illos per terrae marginem dicitur circuire.*

Caso escrevesse no latim de Virgílio, Tito Lívio e Tácito, Jordanes teria empregado a preposição *per* antes do termo no caso acusativo, *marginem*. Nas outras seis vezes em que emprega a preposição *per*, todavia, ele segue o padrão clássico. Talvez a força da tradição literária ainda fizesse com que a preposição *per* fosse empregada primordialmente com o acusativo, mas já não de forma exclusiva. Em línguas românicas como português e espanhol, por exemplo, duas preposições que anteriormente regiam o acusativo, *per* e *ad*, foram combinadas de modo a formar *para*, uma preposição que, nessas línguas analíticas, realiza *grosso modo* as mesmas funções que as desinências do dativo realizavam no latim clássico.

### **Da tradução**

Não seria possível que nos estendêssemos a ponto de comentar de forma pormenorizada a tradução de toda a introdução geográfica do texto de Jordanes. Escolhemos, assim, tecer comentários somente acerca da seção I.9, cujas dificuldades, cremos, representam bem aquelas encontradas em outras partes do texto. Para fazê-lo, dividimos a seção em três trechos, sendo o primeiro:

*habet quoque is ipse immensus pelagus in parte artoa, id est septentrionali, amplam insulam nomine Scandzam,*

### Vocabulário

*habet* (de *habeo*) – verbo “haver” (ou “ter”) – 3a. pessoa do singular do presente do indicativo ativo.

*quoque* – advérbio “também” (ou “do mesmo modo”);

*is* – pronome “ele” – nominativo, masculino, singular;

*ipse* – pronome “próprio” (ou “mesmo”) – nominativo, masculino, singular;

*immensus* – adjetivo “imenso” – nominativo, masculino, singular;

*pelagus* – substantivo “mar” (ou “mar aberto”) – nominativo, masculino, singular;

*in* – preposição “em” – rege ablativo;

*parte* (de *pars*) – substantivo “parte” – ablativo, singular, feminino;

*artoa* – adjetivo “ártica” – ablativo, singular, feminino;

*id* – pronome “isto” – nominativo, neutro, singular;

*est* – verbo “ser” – 3a. pessoa do singular do presente do indicativo ativo;

*septentrionali* (de *septentriones*) – substantivo “norte” (ou “setentrião”) – ablativo, singular, feminino;

*amplam* (de *ampla*) – adjetivo “ampla” (ou “grande”) – acusativo, singular, feminino;

*insulam* (de *insula*) – substantivo “ilha” – acusativo, singular, feminino;

*nomine* (de *nomen*) – substantivo “nome” – ablativo, singular, masculino;

*Scandzam* – nome próprio “Scandza” – acusativo, singular, feminino.

Nesse primeiro trecho, há uma palavra tardia, *artoa*. Identificamos seu equivalente clássico – *arctoa* ou “ártica” – com o auxílio do *Appendix Probi*, como explicamos na seção de vocabulário. Jordanes, ademais, nos explica que a *pars artoa* é a setentrional. Se, por qualquer que fosse a razão, objetivássemos que o texto em português tivesse um aspecto arcaico, poderíamos empregar “setentrião” como tradução de *septentriones*, visto que aquele descende deste. Como primamos por um equilíbrio entre a fidelidade e a legibilidade, optamos por “norte”.

Uma tentativa de tradução literal desse primeiro trecho da seção I.9 ficaria assim: “Ele próprio um imenso mar tem também pela parte ártica – isto é, pelo norte – uma ampla ilha pelo nome ‘Scandza’”. Nesse caso, os ablativos *parte artoa* e *septentrionali* estariam traduzidos como “pela parte ártica” e “pelo norte”, o que nos soa estranho. As alternativas “na parte ártica” e “no norte” nos parecem mais idiomáticas. Na oração seguinte, uma tradução literal do termo no ablativo, *nomine*, como “pelo nome” também não nos parece boa. Uma solução como “de nome” nos parece mais idiomática. Em português, teríamos o seguinte:

Ele próprio um imenso mar tem também na parte ártica – isto é, no norte – uma ampla ilha de nome ‘Scandza’.

Lidemos, agora, com o segundo trecho de I.9:

*unde nobis sermo, si dominus iubaverit, est adsumpturus, quia gens, cuius originem flagitas, ab huius insulae gremio velut examen apium erumpens in terram Europae advinit:*

**Vocabulário**

*unde* – advérbio “donde”;  
*nobis* (de *nos*) – pronome “nós” – ablativo;  
*sermo* – substantivo “discussão” – nominativo, singular, masculino;  
*si* – conjunção “se”;  
*dominus* – substantivo “senhor” – nominativo, singular, masculino;  
*iubaverit* – verbo de significado desconhecido – a julgar pela terminação, trata-se da 3a. pessoa do singular do futuro perfeito ativo do indicativo ou do perfeito do subjuntivo;  
*est* – verbo “ser” – 3a. pessoa do singular do presente do indicativo;  
*adsumpturus* (de *adsumo*) – verbo “iniciar” – infinitivo futuro na forma masculina;  
*quia* – conjunção “pois” (ou “porque”);  
*gens* – substantivo “povo” (ou “gente”) – nominativo, singular, feminino;  
*cuius* – pronome “cujo” – nominativo, singular, masculino;  
*originem* (de *origo*) – substantivo “origem” – acusativo, singular, feminino;  
*flagitas* (de *flagito*) – verbo “requerer” – 2a. pessoa do singular do presente do indicativo ativo;  
*ab* – preposição “de” (indicando origem; ou “dos arredores de”) – rege ablativo;  
*huius* (de *haec*) – pronome “este” – genitivo (idêntico para masculino, feminino ou neutro);  
*insulae* (de *insula*) – substantivo “ilha” – genitivo, singular, feminino;  
*gremio* (de *gremium*) – substantivo “colo” (ou “ventre”, “interior”) – ablativo, singular, neutro;  
*velut* – advérbio, conjunção “como se”;  
*examen* – substantivo “exame” – nominativo, singular, neutro;  
*apium* (de *apes*) – substantivo “abelha” – genitivo, plural, feminino;  
*erumpens* (de *erumpo*) – verbo “irromper” – particípio presente;  
*in* – preposição “em” ou locução adverbial “para dentro” – rege ablativo no primeiro caso e acusativo no segundo;  
*terram* (de *terra*) – substantivo “terra” – acusativo, singular, feminino;  
*Europae* (de *Europa*) – nome próprio “Europa” – genitivo, singular, feminino;  
*advinit* (de *advinio*, por *venio*) – verbo “vir” – empregado em lugar de *venit*; 3a. pessoa do singular do presente do indicativo ativo.

Podemos ver, nesse segundo trecho, uma anomalia sintática semelhante às que discutimos anteriormente. No latim clássico, a preposição *ab* antecederia o termo no ablativo, *gremio*, e não *huius*, que está no genitivo, de modo que teríamos a sequência *ab gremio huius insulae*.

A palavra final desse trecho, *advinit*, também é tardia. Como foi discutido na seção de vocabulário, em latim clássico, o prefixo *ad-* seria dispensável e o primeiro *i* seria um *e*. Como o verbo *advinio* não é dicionarizado, sem o auxílio do *Appendix Probi* teríamos que “adivinhar”, ou melhor, deduzir seu significado.

Nossa maior dificuldade nesse trecho foi, porém, *iubaverit*. Inicialmente pensamos que podia tratar-se de uma variante de *adiutaverit*, do verbo *adiuto* (ajudar), que tivesse sido escrita sem o prefixo *ad-*. Essa interpretação suscitava o problema de como explicar fonologicamente a mudança de *iubaverit* para *iutaverit*. Como discutido na seção de vocabulário, a confusão entre *d* e *t*, tanto na posição média como na final devia ser relativamente comum no latim tardio, devido à equivalência ocasional entre o que deveria ser uma consoante oclusiva alveolar vozeada e uma desvozeada (/d/ e /t/, respectivamente). Ambas são consoantes articuladas de maneira semelhante. No caso da substituição de *t* por *b*, por outro lado, não parecia haver qualquer explicação fonética razoável. Talvez estivéssemos lidando com um erro de transcrição do editor.

Retornamos, então, à página 56 da edição da obra de Jordanes elaborada por Theodor Mommsen. No rodapé encontramos: “*iubauerit*] HP, *iuuauerit*

VLSXZ, *iuuerit* ABY”. O editor listava, assim, as variantes textuais dos manuscritos. Ele o fez ao longo de todo o texto, mas, diante da inexistência de problemas de compreensão que nos levassem a questionar as escolhas do editor, não tínhamos motivos para examiná-las com maior cuidado.

A nota de Mommsen revela que, de dez manuscritos, dois (denominados por ele H e P) traziam a forma *iubauerit*, preferida por ele. Outros cinco (V, L, S, X e Z), porém, traziam *iuuauerit*; enquanto outros três (A, B e Y), *iuuerit*.<sup>19</sup> Dada a confusão entre o *u* consonantal e o *b* no latim tardio, as duas primeiras formas se equivalem semanticamente. Na última, porém, temos o verbo *iuvo*, que pode tanto significar “agradar” como “ajudar”.

Decidimos, então, verificar as versões em inglês, espanhol e francês. Na tradução de Charles C. Mierow (1915) para o inglês, “*si dominus iubaverit*” aparece como “*if it be the Lord’s will*” (p. 53). Na espanhola, de José María Sánchez Martín (2001), encontramos “*si el Señor nos lo concede*” (p. 39); enquanto na francesa, de Jean-Baptiste Droüet de Maupertuis (1703), “*avec le secours du Ciel*” (p. 6).

No prefácio de sua versão, Mierow registrou que se baseou na mesma edição de Mommsen que utilizamos. Sánchez Martín, por seu turno, declarou ter seguido “*fundamentalmente el excelente texto crítico latino de Giunta y Grillone, notablemente distinto en cuanto a puntuación, forma y contenido del establecido por Mommsen*” (p. 27).<sup>20</sup> A versão francesa de Droüet de Maupertuis, por outro lado, não traz quaisquer referências à tradução manuscrita ou à edição na qual se baseou.

Diante das variantes textuais reveladas por Mommsen, nossa falta de acesso à edição de Giunta e Grillone em combinação com ausência de referências do texto francês reduz o valor da comparação entre as três versões modernas. Em outras palavras, somente no caso da versão inglesa de Mierow o texto-fonte (editado pelo próprio Mommsen) pode ser verificado. “*If it be the Lord’s will*” (se essa for a vontade do Senhor), porém, está longe de ser uma tradução literal de “*si dominus iubaverit*”, de modo que o recurso à versão inglesa, nesse ponto, acabou também sendo de pouca serventia.

É claro, de todo modo, que “*si dominus iubaverit*” é uma mera figura retórica, através da qual Jordanes reafirmava sua posição de cristão e atribuía o sucesso ou o insucesso de seu empreendimento como historiador à vontade de Deus. Dito desse modo, a expressão “*si dominus iubaverit*” parece ser um elemento textual banal – e, em certo sentido, o é. Ainda assim, ela exemplifica as dificuldades que os leitores/tradutores encontram em um texto latino tardio, uma vez que *iubaverit* não é uma palavra do latim clássico e, simplesmente, não pode ser compreendida sem alguma pesquisa ou, ao menos, reflexão.

Enquanto buscávamos uma tradução para esse termo desconhecido, acabamos por desenvolver uma nova hipótese. Talvez *iubaverit* não fosse uma

<sup>19</sup> No texto introdutório à sua edição das obras de Jordanes, escrito em latim, Mommsen tratou da tradição manuscrita do texto de Jordanes. As letras citadas acima são referências aos seguintes documentos: H, *Codex Heidelbergensis* 921; P, *Vaticanus Palatinus* 920; V, *Valenciennensis*; L, *Florentinus Laurentianus*; S, *Phillippiana bibliothecae*; X, *Cantabrigiensis*; Z, *Codex Atrabatensis*; A, *Mediolanensis Ambrosianus C 72 inf.*; B, *Breslaviensis Rehdigerenus repos. n. 106*; Y, *Berolinensis Lat. fol. 359*.

<sup>20</sup> Sánchez Martín se refere a: GIUNTA, F., GRILLONE, A. (ed.). *Jordanes de origine actibusque Getarum*, Roma: Istituto storico italiano per il Medio Evo, Palazzo Borromini, 1991.



variante de *adiutaverit* (uma forma do verbo *adiuto*), mas de algum verbo irregular conjugado de forma equivocada ou alternativa. Essa nos pareceu ser a melhor resposta, sendo o melhor candidato para isso o verbo *iubeo* (ordenar), que tem no presente do indicativo as formas *iubeo*, *iubes*, *iubet*, *iubemus*, *iubetis* e *iubent*. A julgar por sua terminação, *iubaverit* corresponde à terceira pessoa do singular do futuro perfeito ativo do indicativo ou do perfeito do subjuntivo. O verbo *iubeo*, nessas situações, assumia no latim clássico a forma *iusserit*<sup>21</sup>, sendo, portanto, irregular. Isso nos faz pensar que Jordanes, desconhecendo a forma clássica, acabou produzindo uma versão mais regular do verbo em questão; de sorte que ao fim traduzimos *iubaverit* por “ordenar”.

Resolvida da melhor maneira possível essa dificuldade, passemos à próxima etapa, reelaborar a tradução literal desse segundo trecho de I.9, como uma ferramenta para chegarmos à textualização final: “donde a discussão por nós, se o Senhor ordenar, está iniciada; pois o povo cuja origem requeres, do ventre desta ilha, como se um enxame de abelhas vem irrompendo para dentro da terra da Europa”.

Começamos pela primeira oração. A expressão “se o Senhor ordenar”, em português, remete a um evento futuro. Trata-se de um aposto explicativo e requer que o verbo da oração explicada também esteja no futuro. Em português, diríamos, então: “De onde nossa discussão, se o Senhor ordenar, será iniciada”. Uma última mudança pode ser feita. A expressão “se o Senhor assim o ordenar” nos parece mais idiomática em português do que a mais simples “se o Senhor ordenar”.

Quanto ao restante do trecho, uma mudança na ordem serviria para aclarar o que está sendo dito. Vejamos: “pois o povo cuja origem requeres vem irrompendo do ventre desta ilha para dentro da terra da *Europa* como se um enxame de abelhas”. O verbo “ser” depois de “como se” pode até ficar subentendido em latim mas é imprescindível em português. Além disso, mais idiomático na nossa língua seria uma referência às “terras” da *Europa*, no plural e não no singular.

A referência ao “ventre” de uma ilha nos parece, ademais, um tanto problemática, de modo que a questão da polissemia de *gremium* precisa ser examinada com mais cuidado. O *Oxford Latin Dictionary* (p. 777) traz os seguintes significados para o termo:

1. *A person's lap or bosom; (esp. as the place in which a child, etc., is held).*
2. *The lap or bosom as a place in which objects are carried or put for safe keeping. b. (transf.) a pocket or hollow in the ground; a natural basin.*
3. *(poet. and colloq.) The female genital parts.*
4. *(transf.) The interior, heart, depths (of a country, the earth, sea, etc.). b. the inner angle, recess (of a bay).*
5. *(in a hand-mill, prob.) The hopper.*

Em 2b e 4 são apresentados sentidos figurados (“*transf.*” abrevia “*in transferred sense*”) que remetem à geografia. Na descrição que faz da *Scandza*, Jordanes usa novamente o termo *gremium* em III.17: “Ela tem em sua parte oriental um enorme lago, em uma área que é um *gremium* do globo terrestre, de onde o rio *Vagus* escorre como se jorrasse de uma entranha em direção ao onduloso *Oceanus*”. Esse *gremium* corresponde possivelmente ao lago hoje chamado

<sup>21</sup> Seguimos PRIOR e WOHLBERG (2008, p. 270).

de *Vänern* e seus arredores. Dele o rio *Vagus*, que hoje seria o *Göta älv*, flui em sentido oeste até uma invaginação do *mare Germanicus* (atual Mar do Norte), hoje conhecida como *Kattegat*.

Daí se depreende que o emprego de *gremium* em I.9 também se dá em uma tentativa de descrever a geografia da *Scandza* e não tem o sentido genérico de “interior”. Diante disso, escolhemos “depressão” como tradução de *gremium* nesse trecho. Feitas essas alterações, o segundo trecho de I.9 ficou assim:

de onde nossa discussão, se o Senhor [assim o] ordenar, será iniciada, pois o povo cuja origem requeres vem irrompendo da depressão (*gremium*) dessa ilha para dentro das terras da *Europa* como se fosse um enxame de abelhas.

Note-se que colocamos nosso acréscimo ao original entre colchetes e que, mais adiante, o esclarecimento do termo “depressão” (no caso, o original latino) foi colocado entre parênteses. Essa convenção foi adotada na tradução inteira.

Cabe, aqui, um breve comentário sobre nossa decisão de manter os nomes antigos das localidades e acidentes geográficos. Trata-se de uma tentativa de criar no leitor a representação mental de que, por exemplo, *Constantinopolis* não é simplesmente Istambul, que a *Spania* não é simplesmente a Espanha; do mesmo modo que a antiga cidade de *Roma* não corresponde à moderna Roma, e que não basta, digamos, atravessarmos as ruínas da *porta Latina* para chegarmos à cidade que Alarico, rei dos visigodos, saqueou em 410. *Constantinopolis*, *Spania* e *Roma* são lugares que não mais existem.

Tratemos, finalmente, do terceiro e último trecho da seção I.9:

*quomodo vero aut qualiter, in subsequentibus, si dominus donaverit, explanavimus.*

### Vocabulário

*quomodo* – advérbio “como”, “de que modo”;

*vero* – advérbio “de fato”;

*aut* – conjunção “ou”;

*qualiter* – advérbio “de que maneira”;

*in* – preposição “em” – rege ablativo;

*subsequentibus* (de *subsequo*) – verbo “suceder” – participio presente;

*si* – conjunção “se”;

*dominus* – substantivo “senhor” – nominativo, singular, masculino;

*donaverit* (de *dono*) – verbo “doar” - 3a. pessoa do singular do futuro perfeito ativo do indicativo ou do perfeito do subjuntivo;

*explanavimus* (de *explano*) – verbo “explicar” – 1a. pessoa do singular do presente do indicativo ativo.

Diferentemente dos dois anteriores, esse terceiro e último trecho da seção I.9 não apresenta maiores dificuldades de interpretação. Em português, diríamos-lo assim:

De que modo, de fato, ou de que maneira, se o Senhor [nos] conceder, explicaremos na sequência.

Note-se, todavia, que Jordanes é capaz de recorrer à Retórica, iniciando a oração com um poliptoto (repetição de termos de sentido semelhante) – *quomodo* e *qualiter*.

### **Considerações finais**

Esperamos com o presente trabalho ter introduzido ao leitor/tradutor não somente as dificuldades que o trabalho de tradução de um texto latino tardio traz, mas também, e especialmente, sugerido um caminho para se lidar com palavras não-dicionarizadas. O mapeamento das transformações fonéticas ocorridas na transição do latim clássico para o tardio – seja através do recurso ao *Appendix Probi*, seja através da catalogação das variantes tardias facilmente identificáveis do próprio texto – é uma ferramenta utilíssima para lidar com palavras de difícil identificação.

***Gustavo H. S. S. Sartin***

*ghsartin@gmail.com*

*Mestre egresso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

DE ORIGINE ACTIBVSQUE  
GETARVM[IORDANIS CASTALIO]  
(552)

1. Volentem me parvo subvectum navigio oram tranquilli litoris stringere et minutos de priscorum, ut quidam ait, stagnis pisciculos legere, in altum, frater Castali, laxari vela compellis relictoque opusculo, quod intra manus habeo, id est, de abbreviatione chronicorum, suades, ut nostris verbis duodecem Senatoris volumina de origine actusque Getarum ab olim et usque nunc per generationes regesque descendentes in uno et hoc parvo libello chartem: 2. dura satis imperia et tamquam ab eo, qui pondus operis huius scire nollit, imposita. nec illud aspicias, quod tenuis mihi est spiritus ad inplendam eius tam magnificam dicendi tubam: super omne autem pondus, quod nec facultas eorundem librorum nobis datur, quatenus eius sensui inserviamus, sed, ut non mentiar, ad triduanam lectionem dispensatoris eius beneficio libros ipsos antehac relegi. quorum quamvis verba non recolo, sensus tamen et res actas credo me integre retinere. 3. ad quos et ex nonnullis historiis Grecis ac Latinis addedi convenientia, initium finemque et plura in medio mea dictione permiscens. quare sine contumelia quod exigisti suscipe libens, libentissime lege; et si quid parum dictum est et tu, ut vicinus genti, commemoras, adde, orans pro me, frater carissime. Dominus tecum. Amen.

SOBRE A ORIGEM E FEITOS  
DOS GODOS[DE JORDANES A CASTÁLIO]  
(2012)

1. Eu desejoso de viajar a favor da corrente em meu pequeno navio, explorar a costa de um litoral tranquilo e, como se diz, colher pequenos peixinhos nas piscinas dos antigos, irmão Castálio, e me compeles a abrir velas rumo ao alto mar e a abandonar a pequena obra que tenho entre as mãos – ou seja, a abreviação das crônicas.<sup>22</sup> Persuades-me a resumir neste pequeno livro, com palavras minhas, os doze volumes de [Cassiodoro] Senador<sup>23</sup> sobre os feitos dos godos desde os tempos antigos até o presente, percorrendo as gerações de reis. 2. [Digo-te], enquanto parto: para quem sabe não querer o peso de tal trabalho e não almeja o ridículo, é um tanto dura a missão imposta; porquanto meu fôlego é fraco para preencher a sua tão magnífica trombeta que diz tanto. Sobre todo [esse] peso, ademais, não nos foi permitida a consulta aos seus livros, de modo que busquei seu sentido [geral]. Não mentirei, porém: há pouco reli, durante três dias, a narrativa de tais livros, por gentileza do secretário do autor. Deles, contudo, não conservei as palavras; mas creio ter retido integralmente o sentido das coisas feitas. 3. A essas também acrescentei várias histórias de gregos e latinos, [conforme] a conveniência. Misturei a minha fala no início, no fim e, mais ainda, no meio. Assim, recebo sem agravo e contente o que solici-

<sup>22</sup> Jordanes provavelmente se refere à *Romana*.<sup>23</sup> Trata-se de *Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator* (c. 485 – c. 585).

## I

4. Maiores nostri, ut refert Orosius, totius terrae circum Oceani limbo circum septem triquadrum statuerunt eiusque tres partes Asiam, Eoropam et Africam vocaverunt. de quo trepedito orbis terrarum spatium innumerabiles paene scriptores existunt, qui non solum urbium locumve positiones explanant, verum etiam et quod est liquidius, passum miliariumque dimetiunt quantitatem, insulas quoque marinis fluctibus intermixtas, tam maiores quam etiam minores, quas Cycladas vel Sporadas cognominat, in immenso maris magni pelagu sitas determinant. 5. Oceani vero intransmeabiles posteriores fines non solum describere quis adgressus est, verum etiam nec cuiquam licuit transfretare, quia resistente ulva et ventorum spiramine quiescente impermeabilis esse sentitur et nulli cognita nisi ei qui eam constituit. 6. ceterior vero eius pelagi ripa, quam diximus totius mundi circum, in modum coronae ambiens fines suos, curiosis hominibus et qui de hac re scribere voluerunt perquam innotuit, quia et terrae circum ab incolis possidetur et nonnullae insule in eodem mare habitabiles sunt, ut in orientali plaga et Indico Oceano Hyppodem, Iamnesiam, Solis perustam quamvis inhabitabilem, tamen omnino sui spatio in longo latoque extensam: Taprobanem quoque, in qua (excepto oppida vel possessiones) decem munitissimas

taste. Lê contentíssimo; e se o que foi dito não for suficiente para ti, vizinho deste povo, rememora-o para acrescentá-lo. Ora por mim, caríssimo irmão. Que o Senhor esteja contigo. Amém!

## Capítulo I

4. Nossos antepassados, como reporta [Paulo] Orósio, consideravam o círculo da Terra inteira tripartido, envolto por uma faixa do *Oceanus*; e chamaram suas três partes de ‘Asia’, ‘Europa’ e ‘Africa’. A respeito dessa divisão tríptica do espaço do globo terrestre, quase incontáveis escritores não somente explanaram as posições de cidades e lugares, mas também tornaram clara a quantidade de milhas e passos. Igualmente, determinaram a posição no imenso mar profundo das ilhas espalhadas em meio às ondas, não apenas as maiores como as menores – a estas chamaram ‘Cyclades’ ou ‘Sporadas’. 5. Ninguém, contudo, empreendeu a tarefa de descrever os inacessíveis confins do *Oceanus*, até porque não foi possível percorrê-los; devido às algas resistentes e ao descanso dos ventos, se entende que são intransponíveis e ninguém os compreende, a não ser quem os criou. 6. Ainda assim, as margens mais próximas desse mar que denominamos ‘círculo do mundo inteiro’ e que, como uma coroa, envolve seus confins se tornaram conhecidas por homens curiosos que quiseram escrever sobre as coisas de lá, pois o círculo da *Terra* possui residentes e um certo número de ilhas desse mar é habitável. Assim, existem na região oriental e no *Indicus Oceanus*, *Hippodes*, *Iamnesia* e *Solis Perusta* que, apesar de inabitável, possui uma área



urbes decoram: sed et aliam omnino gratissimam Sifelantinam: nec non et Theron, 7. licet non ab aliquo scriptore dilucidas, tamen suis possessoribus affatim refertas. habet in parte occidua idem Oceanus aliquantas insulas et paene cunctis ob frequentiam euntium et redentium notas. et sunt iuxta fretum Gaditanum haut procul una Beata et alia quae dicitur Fortunata. quamvis nonnulli et illa gemina Galicia et Lysitaniae promuntoria in Oceani insulas ponant, in quarum una templum Herculis, in alia monumentum adhuc conspicitur Scipiones, tamen, quia extremitatem Galliciae terrae continent, ad terram magnam Europae potius quam ad Oceani pertinet insulas. 8. habet tamen et alias insulas interius in suo estu, quae dicuntur Baleares, habetque et alia Mevania, nec non Orcadas numero XXXIII quamvis non omnes excultas. habet et in ultimo plagae occidentalis aliam insulam nomine Thyle, de qua Mantuanus inter alia: ‘tibi serviat ultima Thyle’. 9. habet quoque is ipse immensus pelagus in parte artoa, id est septentrionali, amplam insulam nomine Scandzam, unde nobis sermo, si dominus iuberit est adsumpturus, quia gens, cuius originem flagitas, ab huius insulae gremio velut examen apium erumpens in terram Europae advinit: quomodo vero aut qualiter, in subsequentibus, si dominus donaverit, explanavimus.

que se estende em longitude e latitude. Ademais, na *Taprobana*,<sup>24</sup> além de aldeias e fazendas, existem dez belas cidades muitíssimo fortificadas. Há, contudo, uma outra, a agradabilíssima *Silefantina*; assim como *Theron*. 7. Essas duas, ainda que não diferenciadas por alguns escritores, estão todavia amplamente preenchidas por residentes. Esse mesmo *Oceanus* possui, na parte ocidental, algumas ilhas um tanto conhecidas por quase todos, pela frequência daqueles que vão e vêm delas. Existem, ademais, junto do estreito de *Gades*, pouco distantes [entre si], uma que é denominada ‘*Beata*’ e outra ‘*Fortunata*’. Embora muitos considerem ilhas do *Oceanus* aqueles promontórios gêmeos, *Galicia* e *Lusitania* (em um dos quais ainda se pode ver o templo de Hércules e no outro o monumento dos Cipiões), todavia, por estarem ligados pela extremidade das terras galegas, eles pertencem à grande terra da *Europa* e não às ilhas do *Oceanus*. 8. Este, contudo, tem outras ilhas em seu interior, chamadas ‘*Baleares*’; além de outra, chamada ‘*Nevania*’; e também das ‘*Orcadas*’, em número de trinta e três, ainda que nem todas habitadas. Existe na última faixa do ocidente outra ilha, de nome ‘*Thyle*’<sup>25</sup>, a respeito da qual o mantuano (Virgílio) [diz], entre outras coisas: ‘*Thyle*, a mais distante, servirá a ti’. 9. Ele próprio um imenso mar tem também na parte ártica – isto é, no norte – uma ampla ilha de nome ‘*Scandza*’; de onde nossa discussão, se o Senhor [assim o] ordenar, será iniciada, pois o povo cuja origem requeres vem irrompendo da de-

<sup>24</sup> Possivelmente o atual Sri Lanka.

<sup>25</sup> Talvez a Islândia ou mesmo a Groenlândia.

## II

10. Nunc autem de Brittania insula, que in sino Oceani inter Spanias, Gallias et Germaniam sita est, ut potuero, paucis absolvam. cuius licet magnitudine olim nemo, ut refert Libius, circumvectus est, multis tamen data est varia opinio de ea loquendi. quae diu si quidem armis inaccensam Romanis Iulius Caesar proeliis ad gloriam tantam quesitis aperuit: pervia deinceps mercimoniis aliasque ob causas multis facta mortalibus non indiligenti, quae secuta est, aetati certius sui prodidit situm, quem, ut a Grecis Latinisque autoribus accepimus, persequimur.

11. triquadram eam plures dixere consimilem, inter sepetentrionalem occidentalemque plagam proiectam, uno, qui magnus est, angulo Reni hostia spectantem, dehinc correptam latitudine obleque retro abstractam in duos exire alios, geminoque latere longiorem Galliae praetendi atque Germaniae. in duobus milibus trecentis decem stadiis latitudo eius ubi patientior, longitudo non ultra septem mil centum triginta duo stadia fertur extendi; 12. modo vero dumosa, modo silvestrae iacere planitiae, montibus etiam nonnullis increscere: mari tardo circumfluam, quod nec remis facile inpellentibus cedat, nec ventorum flatibus intumescat, credo, quia remotae longius terrae causas motibus negant: quippe illie latius quam usquam aequor

pressão (*gremium*) dessa ilha para dentro das terras da *Europa* como se fosse um enxame de abelhas. De que modo, de fato, ou de que maneira, se o Senhor [nos] conceder, explicaremos na sequência.

## Capítulo II

10. Agora, porém, tratarei como for possível e de forma breve, da ilha da *Brittania*, que está situada no golfo entre a *Spania*, a *Gallia* e a *Germania*. Apesar de que antigamente, por conta de sua extensão, como mencionado por [Tito] Lívio, ninguém a havia circundado, não obstante, de muitos são as variadas opiniões ditas sobre ela. Se ela foi certamente por muito tempo inacessível, os romanos de Júlio César por grande glória a abriram com prélios. Acessível desde então, tanto [na busca] por mercadorias como por muitos outros interesses, os quais foram buscados, ela deixou de ser mortal [mesmo] para os descuidados, revelando definitivamente sua posição à[quela] geração, assim como aos autores gregos e latinos que aceitamos e seguimos.

11. Muitos deles a comparam a um triângulo, apontando para entre as regiões setentrionais e ocidentais. Seu maior ângulo fica defronte à boca do [rio] *Rhenus*. Dali ela se reduz em largura e se retrai até terminar em dois outros ângulos. Seus dois lados maiores se projetam em frente à *Gallia* e à *Germania*. Dizem ter dois mil e trezentos e dez estádios de largura e não mais de sete mil e cento e trinta e dois de comprimento.<sup>26</sup>

12. Plena de espinhos, a floresta jaz na planície, que também cresce até formar vários montes. Um

<sup>26</sup> Valores em torno de 415 e 1280 quilômetros, respectivamente. Ambos bastante próximos das distâncias reais.

extenditur. refert autem Strabo Graecorum nobilis scriptor tantas illam exalare nebulas, madefacta humo Oceani crebris excursibus, ut subiectus sol per illum paene totum fedioem, qui serenus est, diem negetur aspectui. 13. noctem quoque clariorem in extrema eius parte minimamque Cornelius etiam annali scriptor enarrat, metallis plurimis cupiosam, herbis frequentem et his feracior omnibus, que pecora magis quam homines alant: labi vero per eam multa quam maximae relabique flumina gemmas margaritasque volventia. Silorum colorati vultus; torti plerique crine et nigro nascuntur; Calydoniam vero incolentibus rutilae cumae, corpora magna, sed fluvida: 14. Gallis sive Spanis, ut quibusque obtenduntur, adsimiles. unde coniectavere nonnulli, quo ea ex his accolis contiguo vocatos acceperit. inculti aequae omnes populi regesque populorum; cunctos tamen in Calydoniorum Meatarumque concessisse nomina Dio auctor est celeberrimus

mar calmo, que não cede facilmente ao empurrão dos remos e tampouco é agitado pelos ventos, a circunda. Creio que isto se dá porque as terras estão tão afastadas a ponto de não possibilitarem a agitação do mar; e a superfície do oceano, é claro, se estende mais do que em outros locais. Conta também o nobre escritor grego Estrabão que, umedecido o solo por frequentes incursões do *Oceanus*, ela exala muitas nuvens que cobrem o sol e tornam seus dias quase de todo desagradáveis, apesar de calmos, impedindo a claridade. 13. Em sua parte mais afastada, ademais, a noite é clara e muito curta. Como também relatou o escritor dos 'Anais', Cornélio [Tácito], é rica em muitos metais, fértil para todo tipo de ervas, que mais alimentam o gado do que os homens. Por ela, contudo, deslizam e desaparecem enormes rios, revolvendo muitas pedras preciosas e pérolas. Os siluros têm o rosto pintado; sendo que muitos nascem com os cabelos negros e crespos.<sup>27</sup> Os habitantes da

<sup>27</sup> Com “*Silorum colorati vultus; torti plerique crine et nigro nascuntur*” Jordanes reproduz o que Tácito escrevera em *Agricola*, 11. Este, porém, completou a afirmação com “*et posita contra Hispania Hiberos veteres traiecissee easque sedes occupasse fidem faciunt*” (apud WALTERS, 1899, pp. 27-28), claramente atribuindo a aparência dos siluros a ascendentes iberos. Que aparência? A maior parte dos sentidos apresentados pelo *Oxford Latin Dictionary* para “*vultus*” está, de alguma forma, relacionado com o rosto (p. 2123): “1. Facial expression, look, countenance. b. the expression appropriate to a particular type of person, situation, etc. 2. The front of the head, face; (also pl. in sim. sense). b (transf.) a surface (of dice), face. 3. The face (as the part involved in looking, esp. in phrs. indicating the direction of one’s gaze. b (in contexts expr. the fact of being in a person’s presence) one’s view. 4. The distinctive appearance of an individual’s face, looks, features. 5. The part of things presented to the eye, outward appearance, face. 6. An aspect, appearance (of abst. things)”. Ainda assim, em 5 e 6, encontramos a noção de “aparência”. “*Coloratus*”, por sua vez, não é menos ambíguo. No mesmo dicionário (p. 356), encontramos: “1. coloured. 2a. Sunburnt, tanned. b. dark-complexioned, swarthy, ‘coloured’. c. having a heightened colour (opp. pallid)”. Isso implica que “*coloratus*” pode tanto significar “colorido” como “moreno”. Isso nos dá, então, quatro possibilidades de interpretação: “rosto colorido” (no sentido de “pintado”), “rosto moreno”, “aparência colorida” e “aparência morena”. Dessas, a segunda e a terceira podem ser descartadas de imediato, visto que não fazem sentido. Há que escolher, então, entre “rosto colorido” ou “aparência morena”. Os intérpretes modernos tenderam, em geral, à segunda opção. Esquecem-se, contudo, que habitavam a *Brittania* povos que pintavam o rosto, como os pictos no norte. Parecem influenciados, ademais, pelo estereótipo que associa pele morena aos espanhóis; ignorando que, embora o estereótipo possa até fazer algum sentido após séculos de influxo de muçulmanos do norte da África e

scriptor annalium. virgeas habitant casas, communia tecta cum pecore, silveque illis saepe sunt domus. ob decorem nescio an aliam quam ob rem ferro pingunt corpora. 15. bellum inter se aut imperii cupidine, aut amplificandi quae possident, saepius gerunt, non tantum equitatu vel pedite, verum etiam bigis curribusque falcatis, quos more vulgare essedas vocant. haec pauca de Britanniae insulae forma dixisse sufficiat.

*Calydonia*, por outro lado, têm pelos ruivos e corpos grandes, porém ágeis. 14. Parecem-se com os gauleses ou os hispanos, dependendo de qual região estão defronte.<sup>28</sup> Daí muitos conjecturarem que a ilha recebeu os habitantes dessas regiões, convidando os que estavam próximos. Todos os povos e seus reis são igualmente selvagens. Dão [Cásio], o célebre autor de anais, todavia afirma que todos foram apelidados de 'calidônios' e 'meataros'. Vivem em cabanas de madeira, compartilhando seu abrigo com o gado, e as florestas frequentemente lhes servem de casa. Não sei se pintam seus corpos com a cor do ferro para decorá-los ou para outra coisa. 15. Eles frequentemente conduzem guerra uns contra os outros por desejo de poder ou para aumentar suas posses. Lutam não apenas a cavalo ou à pé, mas também com bigas e carroças armadas com foices, às quais comumente chamam de 'essedae'. Que baste o que foi dito acerca da situação das ilhas da *Brittania*.

### III

16. Ad Scandziae insulae situm, quod superius reliquimus, redeamus, de hac etenim in secundo sui operis libro Claudius Ptolomeus,

### Capítulo III

16. Retomemos a situação da ilha da *Scandza*, que abandonamos acima. Cláudio Ptolomeu, eminente descritor do globo terrestre, lem-

---

do Oriente Médio, é inadequado para pensarmos naqueles que habitavam a península ibérica antes da invasão de 711. Além disso, os comentários tanto de Tácito como de Jordanes pressupõem, de forma completamente equivocada, a proximidade entre os litorais sul da *Brittania* e norte da *Spania*. Parece-nos, assim, que uma tradução como “rosto pintado” faz mais sentido. Alguém poderia perguntar, ainda, “e quanto aos cabelos crespos” dos siluros? É bem verdade que “cabelos encaracolados” combinam bem com uma descrição de um povo com “aparência morena”. O texto latino fala, na verdade, em “*crines torti*”, “cabelos tortos”. É impossível saber o que isso significa em um *continuum* que vai de “ondulados” a “encaracolados”, passando por “crespos”.

<sup>28</sup> Curiosamente, Jordanes imagina a ilha da *Brittania* posicionada não somente defronte à *Gallia*, como também à *Spania*. Embora fosse verdade que o litoral sul da *Brittania* fosse vizinho do litoral norte da *Gallia*, ele situava-se a mais de 1.000 quilômetros do litoral norte da península ibérica.

orbis terrae discriptor egregius, meminit dicens: est in Oceani arctoi salo posita insula magna, nomine Scandza, in modum folii cetri, lateribus pandis, per longum ducta concludens se. de qua et Pomponius Mela in maris sinu Codano positam refert, cuius ripas influit Oceanus. 17. haec a fronte posita est Vistulae fluminis, qui Sarmaticis montibus ortus in conspectu Scandzae septentrionali Oceano trisulcus inlabitur, Germaniam Scythiamque distermians. haec ergo habet ab oriente vastissimum lacum in orbis terrae gremio, unde Vagi fluvius velut quodam ventrae generatus in Oceanum undosus evolvitur. ab occidente namque immensu pelago circumdatur, a septentrione quoque innavigabili eodem vastissimo concluditur Oceano, ex quo quasi quodam brachio exiente, sinu distento. Germanicum mare efficitur. 18. ubi etiam parvae quidem, se plures perhibentur insulae esse dispositae, ad quas si congelato mari ob nimium frigus lupi transierint, luminibus feruntur orbari. ita non solum inhospitalis hominibus, verum etiam beluis terra crudelis est. 19. in Scandza vero insula, unde nobis sermo est. licet multae et diversae maneant nationes, septem tamen eorum nomina meminit Ptolomaeus. apium ibi turba mellifica ob nimium frigore nusquam repperitur. in cuius parte arctoa gens Adogit consistit, quae fertur in aestate media quadraginta diebus et noctibus luces habere continuas, itemque brumali tempore eodem dierum noctiumque numero luce clara nescire. 20. ita alternato merore cum gaudio beneficio aliis damnoque impar est. et hoc quare?

brou dela no segundo livro de sua obra, dizendo: ‘Há uma grande ilha situada em mar aberto na área ártica do *Oceanus*, de nome ‘*Scandza*’, cujos lados são curvados como uma folha de cedro, se estendendo longamente até se findarem um sobre o outro’. Pompônio Mela relatou a seu respeito que, no mar, ela está situada no golfo *Codanus*, para cujas margens flui o *Oceanus*. 17. À frente desta está localizado o rio *Vistula*<sup>29</sup>, que nasce nos montes *Sarmatici* e flui para uma foz tripla, que deságua no norte do *Oceanus*, defronte à *Scandzae*, separando a *Germania* e a *Scythia*. Ela tem em sua parte oriental um enorme lago, em uma área que é uma depressão (*gremium*) do globo terrestre, de onde o rio *Vagus*<sup>30</sup> escorre como se jorrasse de uma entranha em direção ao onduloso *Oceanus*. Na parte ocidental, por seu turno, a ilha é cercada por um mar imenso e a norte é limitada pelo vastíssimo e inavegável *Oceanus*, do qual sai uma espécie de braço, que se estende em um golfo e produz o mar *Germanicus*. 18. Diz-se que por lá também existem muitas pequenas ilhas e que os lobos, quando atravessam o mar congelado em direção a elas, perdem a visão devido ao frio excessivo. Assim, essa terra não é somente inóspita para os homens, mas cruel até mesmo para as feras. 19. Ainda que na *Scandza*, a ilha da qual estamos falando, seja permitida a permanência de muitos e diversos povos, Ptolomeu lembra-se [somente] do nome de sete deles. Lá, devido ao frio excessivo, não são encontrados em parte alguma enxames de abelhas melíferas. Em sua

<sup>29</sup> O rio manteve o mesmo nome até os dias atuais. Fica na Polônia e deságua na baía de Gdanski.

<sup>30</sup> Provavelmente o *Göta älv*, na Suécia.



quia prolixioribus diebus solem ad orientem per axis marginem vident redeuntem, brevioribus vero non sic conspicitur apud illos, sed aliter, quia austrinis signis percurrit, et quod nobis videtur sol ab imo surgere, illos per terrae marginem dicitur circuire. 21. alliae vero ibi sunt gentes Scyrefennae, quae frumentorum non queritant victum, se carnibus ferarum atque ovis avium vivunt; ut tanta paludibus fetura ponitur, ut et augmentum prestent generi et satietatem ad cupiam genti. alia vero gens ibi moratur Suehans, quae velud Thyringi equis utuntur eximiis. hi quoque sunt, qui in usibus Romanorum sappherinas pelles commercio interveniente per alias innumeras gentes transmittunt, famosi pellium decora nigridine. hi cum inopes vivunt, ditissime vestiuntur. 22. sequitur deinde diversarum turba nationum, Theustes, Vagoth, Bergio, Hallin, Liothida, quorum omnium sedes sub uno plani ac fertilis, et propterea inibi aliarum gentium incursionibus infestantur. post hos Ahelmil, Finnaiithae, Fervir, Gauthigoth, acre hominum genus et at bella prumtissimum. dehinc Mixi, Evagre, Otingis. hi omnes excisis rupibus quasi castellis inhabitant ritu beluino. 23. sunt et his exteriores Ostrogothae, Raumarici, Aeragnaricii, Finni mitissimi, Scandzae cultoribus omnibus mitiores; nec non et pares eorum Vinoviloth; Suetidi, cogniti in hac gente reliquis corpore eminentiores: quamvis et Dani, ex ipsorum stirpe progressi, Herulos propriis sedibus expulerunt, qui inter omnes Scandiae nationes nomen sibi ob nimia

parte norte, onde está assentada a nação adogita,<sup>31</sup> diz-se que em meados do verão há luz contínua por quarenta dias e noites; e que, no tempo invernal, não conhece luz clara por igual número de dias e noites. 20. Assim, por tal alternância entre aflição e alegria, são distintos dos outros no que concerne a vantagens e perdas. E isso por quê? Porque nos dias longos eles vêm o sol retornar ao oriente margeando o horizonte. Nos dias breves, todavia, não é isso que observam. Pelo contrário, ao percorrer os símbolos austrais, o sol que é visto por nós surgindo de baixo, no caso deles é dito que circula pela margem da *Terra*. 21. Lá também estão outros povos, como os escyrefenos, que não buscam cereais como sustento. Vivem da carne de feras e dos ovos de aves; pois são postas tantas crias nos pântanos que proporcionam o aumento da espécie e favorecem a saciedade do povo. Outro povo que mora lá é o suehano, que, como os turingos, emprega cavalos exímios. Eles também são os que enviam, através do comércio com outros inumeráveis povos, as peles safirinas<sup>32</sup> que são usadas pelos romanos. São famosos pela negritude dos adornos de suas peles. Ainda que vivam como pobres, vestem-se muito ricamente. 22. Então, segue-se uma aglomeração de diversos povos, como teustes, vagotes, bergios, halinos, liótidas; os quais se assentam todos em uma planície fértil e que, por isso, são infestados por incursões de outros povos. Por detrás desses, estão os ahemiles, os finaitas, fervires, gautigodos – um

<sup>31</sup> Aportuguesamos os nomes dos povos mencionados no texto de Jordanes. Muitos deles não são mencionados em qualquer outro local. Procedimento similar adotou Sánchez Martín, que em sua versão adaptou os nomes para o espanhol.

<sup>32</sup> De cor azulada como a safira.

proceritate affectam praecipuum. 24. sunt quamquam et horum positura Grannii, Auganzi, Eunixi, Taetel, Rugi, Arochi, Ranni. quibus non ante multos annos Ruduulf rex fuit, qui contempto proprio regno ad Theodorici Gothorum regis gremio convolvavit et, ut desiderabat, invenit. hae itaque gentes, Germanis corpore et animo grandiores, pugnabant beluina saevitia.

#### IV

25. Ex hac igitur Scandza insula quasi officina gentium aut certe velut vagina nationum cum rege suo nomine Berig Gothi quondam memorantur egressi: qui ut primum e navibus exientes terras attigerunt, ilico nomen loci dederunt. nam odieque illic, ut fertur, Gothiscandza vocatur. 26. unde mox promoventes ad sedes Vlmerugorum, qui tunc Oceani ripas insidebant, castra metati sunt eosque commisso proelio propriis sedibus pepulerunt, eorumque vicinos. Vandolos iam tunc subiugantes suis applicavere victo-

tipo de homens rudes e prontíssimos para a guerra – e em seguida, os mixis, evagres e otingis. Todos eles habitam fortalezas escavadas nas rochas e se portam de modo quase bestial. 23. Para além deles estão, ademais, os ostrogodos, raumáricos, aeragnáricos e os gentilíssimos finos, os mais gentis de todos os habitantes da *Scandza*. Também semelhantes a eles são os vinovilotes. Os suétidos são conhecidos entre esses povos por seu tamanho excepcional; apesar de que os daneses, que provém da mesma linhagem e que expulsaram os hérulos das próprias terras, são os que entre os povos da *Scandza* jactam-se devido a sua especial estatura. 24. Nessa região estão, ainda, os grani-os, auganzos, eunixos, taetel, rugos, arochos e ranos, de quem há não muitos anos Roduulf foi rei. Ele, por desprezo ao próprio reino, correu para o colo do rei dos godos Teodorico, encontrando o que desejava. Todos esses povos, além disso, são maiores dos que os germânicos em corpo e alma; e lutam com uma fúria bestial.

#### Capítulo IV

25. Dessarte, os godos se recordam de partir outrora dessa ilha *Scandza* – quase uma fábrica de povos ou, certamente, um nascedouro de nações – com seu rei de nome Berig. Quando os líderes saíram dos navios e chegaram a terra, de imediato deram nome ao local; do qual se diz, até hoje, ser chamado *Gothiscandza*. 26. De lá, em seguida, avançaram até a morada dos ulmerugos, que então ocupavam as margens do *Oceanus*. [Então] montaram acampamento e combateram-nos, expulsando-os de suas mora-

riis. ubi vero magna populi numerositate crescente et iam pene quinto rege regnante post Berig Filimer, filio Gadarigis, consilio sedit, ut exinde cum familiis Gothorum promoveret exercitus. 27. qui aptissimas sedes locaquae dum quereret congrua, pervenit ad Scythiae terras, quae lingua eorum Oium vocabantur: ubi delectatus magna ubertate regionum et exercitus mediaetate transposita pons dicitur, unde amnem traiecerat, irreparabiliter corruisse, nec ulterius iam cuidam licuit ire aut redire. nam is locus, ut fertur, tremulis paludibus voragine circumiecta concluditur, quem utraque confusione natura reddidit impervium. verumtamen hodieque illic et voces armentorum audire et indicia hominum depraehendi commeantium attestationem, quamvis a longe audientium, credere licet.

das. Depois deles os vizinhos. Os vândalos, então já subjugados, acrescentaram às suas vitórias. Lá, porém, com a grande população aumentando em número, e já quase no quinto rei após Berig, Filimer, filho de Gadarigis, sentou-se diante do conselho e então conduziu adiante o exército dos godos, acompanhado pelos familiares. 27. Em busca de locais adjacentes apropriados para excelentes moradas, chegou à terra da *Scythia*, à qual chamavam em sua língua *Oium*, onde ficou deleitado pela grande fertilidade da região. Diz-se que metade do exército havia cruzado uma ponte e, quando atravessava a correnteza, aquela desabou irreparavelmente, não mais lhe permitindo ir ou voltar, pois esse lugar, segundo dizem, está limitado por um abismo aquoso circundado por um pântano movediço (*tremulus*), tornados intransponíveis pela natureza através de sua combinação. Ali, ainda hoje, são ouvidas vozes de gado e encontrados indícios de homens, segundo testemunhos dos viajantes; apesar de que devemos crer que eles ouçam [essas histórias] de longe.

**Jordanes**

*Fonte: MOMMSEN, Theodorus (ed). Iordanis Romana et Getica.*

*Berolini: Apud Weidmannos: 1882.*

Monumenta Germaniae Historia. Autorum Antiquissimorum Tomi V Pars Prior.

*Tradução de:*

**Gustavo H. S. S. Sartin**

*ghsartin@gmail.com*

*Mestre egresso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

## Anexo – Appendix Probi

O documento foi adaptado de VÄÄVÄNEN (1985, pp. 308-312). Os colchetes marcam as adições aos trechos rasurados. A numeração não é parte do manuscrito.

- |   |  |
|---|--|
| [1] <i>porphireticum marmor non purpureticum marmor</i> | [46] <i>Theophilus non Izophilus</i>       |
| [2] <i>tolonium non toloneum</i>                        | [47] <i>hom[o]fagia non monofagium</i>     |
| [3] <i>speculum non speculum</i>                        | [48] <i>Byzacenus non Bizacinus</i>        |
| [4] <i>masculus non maschus</i>                         | [49] <i>Capsesis non Capsessis</i>         |
| [5] <i>uetulus non ueclus</i>                           | [50] <i>catulus non catellus</i>           |
| [6] <i>uitulus non uiclus</i>                           | [51] <i>catulus non ca[te]llus</i>         |
| [7] <i>uernaculus non uernaclus</i>                     | [52] <i>doleus non dolium</i>              |
| [8] <i>articulus non articlus</i>                       | [53] <i>calida non calda</i>               |
| [9] <i>baculus non uaclus</i>                           | [54] <i>frigida non fricda</i>             |
| [10] <i>angulus non anglus</i>                          | [55] <i>uinea non uinia</i>                |
| [11] <i>iugulus non iuglus</i>                          | [56] <i>tristis non tristus</i>            |
| [12] <i>calcostegis non calcosteis</i>                  | [57] <i>tersus non tertus</i>              |
| [13] <i>septizonium non septidonium</i>                 | [58] <i>umbilicus non imbilicus</i>        |
| [14] <i>uacua non uaqua</i>                             | [59] <i>turma non torma</i>                |
| [15] <i>uacui non uaqui</i>                             | [60] <i>caelebs non celeps</i>             |
| [16] <i>cultellum non cuntellum</i>                     | [61] <i>ostium non osteum</i>              |
| [17] <i>Marsias non Marsuas</i>                         | [62] <i>Flavus non Flaus</i>               |
| [18] <i>cannelam nun canianus</i>                       | [63] <i>cauea non cauia</i>                |
| [19] <i>Hercules non Herculens</i>                      | [64] <i>senatus non sinatus</i>            |
| [20] <i>columna non colomna</i>                         | [65] <i>brattea non brattia</i>            |
| [21] <i>pecten non pectinis</i>                         | [66] <i>cochlea non coclia</i>             |
| [22] <i>aquaeductus non aquiductus</i>                  | [67] <i>coc[h]leare non cocliarium</i>     |
| [23] <i>cithara non citera</i>                          | [68] <i>palearium non paliarium</i>        |
| [24] <i>crista non crysta</i>                           | [69] <i>primipilaris non primipilarius</i> |
| [25] <i>formica non formica</i>                         | [70] <i>alueus non albeus</i>              |
| [26] <i>musium non museum</i>                           | [71] <i>glomus non glovus</i>              |
| [27] <i>exequ[i]ae non execiae</i>                      | [72] <i>lancea non lancia</i>              |
| [28] <i>gyrus non girus</i>                             | [73] <i>favilla non failla</i>             |
| [29] <i>auus non aus</i>                                | [74] <i>orbis non orbs</i>                 |
| [30] <i>miles non milix</i>                             | [75] <i>formosus non formunsus</i>         |
| [31] <i>sobrius non suber</i>                           | [76] <i>ansa non asa</i>                   |
| [32] <i>figulus non figel</i>                           | [77] <i>flagellum non fragellum</i>        |
| [33] <i>masculus non mascel</i>                         | [78] <i>calatus non galatus</i>            |
| [34] <i>lanius non laneo</i>                            | [79] <i>digitus non dicitus</i>            |
| [35] <i>iuuencus non iuuencus</i>                       | [80] <i>solea non solia</i>                |
| [36] <i>barbarus non barbar</i>                         | [81] <i>calceus non calcius</i>            |
| [37] <i>equ[u]s non ecus</i>                            | [82] <i>iecur non iocur</i>                |
| [38] <i>coqu[u]s non cocus</i>                          | [83] <i>auris non oricla</i>               |
| [39] <i>coquens non cocens</i>                          | [84] <i>camera non cammara</i>             |
| [40] <i>coqui non cocci</i>                             | [85] <i>pegma non peuma</i>                |
| [41] <i>acre non acrum</i>                              | [86] <i>cloaca non cluaca</i>              |
| [42] <i>pauper mulier non paupera muli[er]</i>          | [87] <i>festuca non fistuca</i>            |
| [43] <i>carcer non car[car]</i>                         | [88] <i>ales non alis</i>                  |
| [44] <i>brauium non brabium</i>                         | [89] <i>facies non faces</i>               |
| [45] <i>pancarpus non parcarpus</i>                     | [90] <i>cautes non cautis</i>              |
|   | [91] <i>plebes non pleuis</i>              |
|   | [92] <i>uates non uatis</i>                |

- [93] *tabes non tauis*  
 [94] *suppellex non superlex*  
 [95] *apes non apis*  
 [96] *nubes non nubs*  
 [97] *suboles non subolis*  
 [98] *vulpes non vulpis*  
 [99] *palumbes non palumbus*  
 [100] *lues non luis*  
 [101] *deses non desis*  
 [102] *reses non resis*  
 [103] *uepres non uepris*  
 [104] *fames non famis*  
 [105] *clades non cladis*  
 [106] *Syrtes non Syrtis*  
 [107] *aedes non aedis*  
 [108] *sedes non sedis*  
 [109] *proles non prolis*  
 [110] *draco non dracco*  
 [111] *oculus non oclus*  
 [112] *aqua non acqua*  
 [113] *alium non aleum*  
 [114] *lilium non lileum*  
 [115] *glis non gliris*  
 [116] *delirus non delerus*  
 [117] *tinea non ti[nia]*  
 [118] *exter non extraneus*  
 [119] *clamis non clamus*  
 [120] *uir non uyr*  
 [121] *uirgo non uyrgo*  
 [122] *uirga non uyrga*  
 [123] *occasio non occansio*  
 [124] *caligo non calligo*  
 [125] *terebra non telebra*  
 [126] *effeminatus non infimenatus*  
 [127] *botruus non butro*  
 [128] *grus non gruis*  
 [129] *anser non ansar*  
 [130] *tabula non tabla*  
 [131] *puella non poella*  
 [132] *balteus non baltius*  
 [133] *fax non facla*  
 [134] *uico capitis Africae non uico caput Africae*  
 [135] *uico tabuli proconsolis non uico tabulu proconsulis*  
 [136] *uico castrorum non uico castrae*  
 [137] *uico strobili non uico trobili*  
 [138] *teter non tetrus*  
 [139] *aper non aprus*  
 [140] *amycdala non amiddula*  
 [141] *faseolus non fassiolus*  
 [142] *stabulum non stablum*  
 [143] *triclinium non triclinu*  
 [144] *dimidius non demidius*  
 [145] *turma non torma*  
 [146] *pusillus non pisinnus*  
 [147] *meretrix non menetris*  
 [148] *aries non ariex*  
 [149] *persica non pessica*  
 [150] *dysentericus non disintericus*  
 [151] *opobalsamum non ababalsamum*  
 [152] *mensa non mesa*  
 [153] *raucus non raucus (?)*  
 [154] *auctor nun autor*  
 [155] *auctoritas non autoritas*  
 [156] *[ipse non ipsus?]*  
 [157] *linteum non lintium*  
 [158] *a... petre non ...tra*  
 [159] *terraemotus non terrimotium*  
 [160] *noxius non noxeus*  
 [161] *coruscus non scoriscus*  
 [162] *tonitru non tonotru*  
 [163] *passer non passar*  
 [164] *anser non ansar*  
 [165] *hirundo non herundo*  
 [166] *obstetrix non opsetris*  
 [167] *capitulum non capiclum*  
 [168] *nouerca non nouarca*  
 [169] *nurus non nura*  
 [170] *socrus non socra*  
 [171] *neptis non nepticla*  
 [172] *anus non anucla*  
 [173] *tondeo non detundo*  
 [174] *riuus non rius*  
 [175] *imago non [emago?]*  
 [176] *pauo[r] non pao[r]*  
 [177] *coluber non colober*  
 [178] *adipes non alipes*  
 [179] *sibilus non sifilus*  
 [180] *frustum non frustrum*  
 [181] *plebs non pleps*  
 [182] *garrulus non garulus*  
 [183] *parentalia non parantalia*  
 [184] *caelebs non celeps*  
 [185] *poples non poplex*  
 [186] *locuples non locuplex*  
 [187] *robigo non rubigo*  
 [188] *plasta non blasta*  
 [189] *bipennis non bipinnis*  
 [190] *hermeneumata non erminomata*  
 [191] *tymum non tumum*  
 [192] *strofa non stropa*  
 [193] *bitumen non butumen*  
 [194] *mergus non mergulus*  
 [195] *myrta non murta*



- [196] *zizipus non zizupus*  
 [197] *iunipirus non iuniperus*  
 [198] *tolerabilis non tolerauilis*  
 [199] *basilica non bassilica*  
 [200] *tribula non tribla*  
 [201] *uiridis non uirdis*  
 [202] *constabilitus non constabili-*  
*tus (?)*  
 [203] *sirena non serena*  
 [204] *musium vel musium non mu-*  
*seum*  
 [205] *lapsus non lapsus*  
 [206] *orilegium non orolegium*  
 [207] *[h]ostiae non ostiae*  
 [208] *Februarius non Febrarius*  
 [209] *clatri non cracli*  
 [210] *allex non allex*  
 [211] *ravidus non rabiosus*
- [212] *tintinaculum non tintinabu-*  
*lum*  
 [213] *Adon non Adonius*  
 [214] *grundio non grunnio*  
 [215] *uapulo non baplo*  
 [216] *necne non necne*  
 [217] *passim non passi*  
 [218] *numquit non nimquit*  
 [219] *numquam non numqua*  
 [220] *nobiscum non noscum*  
 [221] *uobiscum non uoscum*  
 [222] *nesciubi non nesciocobe*  
 [223] *pridem non pride*  
 [224] *olim non oli*  
 [225] *adhuc non aduc*  
 [226] *idem non ide*  
 [227] *amfora non ampورا*

### Referências bibliográficas

- CLARKSON, James, HORROCKS, Geoffrey. *The Blackwell History of Latin Language*. Malden, Oxford and Victoria: Blackwell, 2007.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GOFFART, Walter. *The Narrators of Barbarian History (550 – 800). Jordanes, Gregory of Tours, Bede, Paul the Deacon*. Princeton: Princeton University Press, 1988.
- KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini ex Recensione Henrici Keilii. vol. V. Artium Scriptores Minores*. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, 1823.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 2002. 3a. edição.
- JANUS, Ludovicus (ed.). *C. Plinii Secundi Naturalis Historiae. vol. I, libb. I-VI*. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, 1870.
- JORDANES. *Origen y Gestas de los Godos*. Edición y traducción de José María Sánchez Martín. Madrid: Cátedra, 2001.
- JORDANES. *The Origin and the Deeds of the Goths*. In English version, with introduction and commentary by Charles C. Mierow. Princeton: Princeton University Press, 1915.
- JORNANDES. *Histoire Generale des Goths*. Traduite Du Latin de Jornandes, Archevêque de Ravenna, par Jean-Baptiste Drouët de Maupertuis. Paris: 1703.
- LÖFSTEDT, Einar. *Late Latin*. Oslo: Aschehoug & Co. W. Nygaard, 1959.
- MOMMSEN, Theodorus (ed.). *Iordanis Romana et Getica*. Berolini: Apud Weidmannos: 1882. Monumenta Germaniae Historia. Auctorum Antiquissimorum Tomi V Pars Prior.
- PARKES, M. B. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1993.
- POLITZER, Robert L. *The Interpretation of Correctness in Late Latin Texts. Language*. v. 37, no. 2, pp. 209-214, apr. - jun., 1961. Linguistic Society of America.
- PRIOR, Richard E., WOHLBERG, Joseph. *501 Latin verbs fully conjugated in all the tenses in a new easy-to-learn format alphabetically arranged*. New York: Barron, 2008. 2nd edition.
- SAENGER, Paul. *Spaces Between Words: The Origins of Silent Reading*. Stanford: Stanford University Press, 1997.
- VÄÄVÄNEN, Veikko. *Introducción al Latín Vulgar*. Versión española de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1985.
- WALTERS, W. C. Flamstedt (ed.). *The Agricola of Tacitus*. London: Blackie & Son, 1899.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001. 7a. edição.